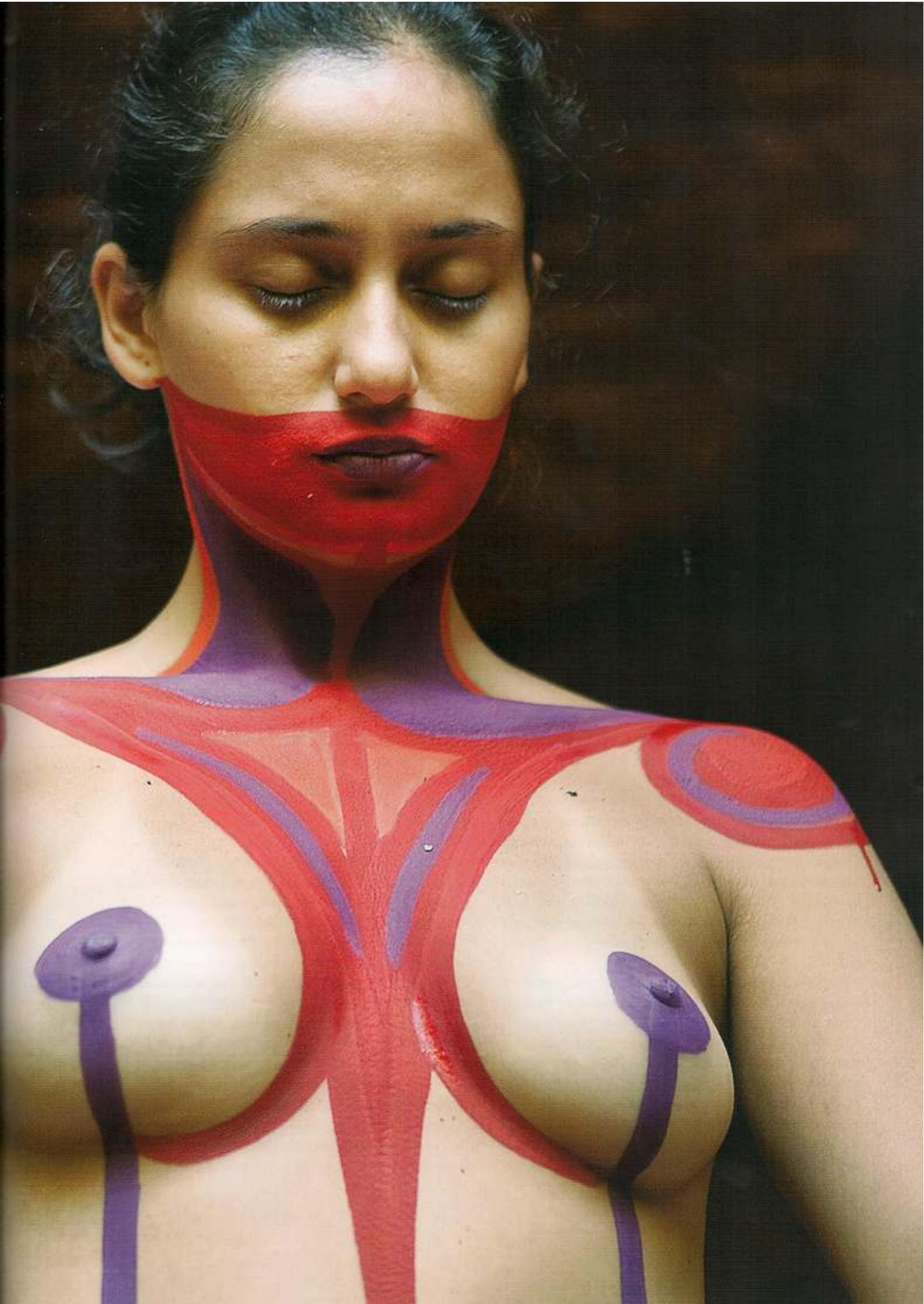


entreExtremos | Projeto Árvore em Residência no Parque Nacional Serra da Capivara

São Raimundo Nonato, PI, e São Paulo, SP
9 de janeiro a 26 de fevereiro de 2010

O PROJETO *entreEXTREMOS* REALIZOU UMA RESIDÊNCIA NO PARQUE NACIONAL SERRA DA
CAPIVARA E PROPÔS UMA INTERAÇÃO CONTEMPORÂNEA, MATERIALIZADA NA PINTURA
CORPORAL, COM AS POPULAÇÕES LOCAIS.



entreExtremos

Carol Pinzan

(Coral)

O Projeto Árvore em residência no Parque Nacional Serra da Capivara nasceu com o propósito de criar um diálogo entre as linguagens gráficas ancestrais tatuadas nas rochas do Parque Nacional Serra da Capivara e as manifestações multimídias contemporâneas operadas na pesquisa do Projeto Árvore, desenvolvida pelo Coletivo Urubus desde 2005, sobre as qualidades de integração e interação entre corpo, cidade e natureza, modos de ocupações em espaços públicos, tempos de suspensão, contornos rituais-artísticos e intervenções e quebras em dinâmicas cotidianas.

Imaginamos neste diálogo lançar uma investigação sobre o que o coletivo vivenciaria ao partilhar aquele espaço geográfico como abrigo, tendo em vista o abrigo que foi aos homens que outrora lá habitaram, e realizar uma experiência artística que pudesse nos levar ao “embate” existencial com o imaginário daquelas expressões humanas, e também que nos desse subsídio para conhecer e difundir as realidades materiais de constituição e conservação daquele patrimônio.

Para tanto, foi idealizado um projeto de imersão artística nos limites territoriais do Parque Nacional Serra da Capivara, um levantamento documental sobre as especificidades de existência e relações sociais que giram em torno do parque, e um plano de intervenções performáticas urbanas que pudessem beber dessas fontes e extrapolar seus limites físicos a fim de divulgar este patrimônio da humanidade e lançar reflexões sobre suas problemáticas de preservação e acesso.

A proposta da imersão foi ocupar o território geográfico-material e imaterial do Parque Nacional Serra da Capivara com o cumprimento de uma rotina artística-vivencial que deu suporte a experimentações estéticas-rituais e que friccionaram um diálogo entre as memórias locais e as nossas investigações contemporâneas sobre expressões artísticas, culturais e humanas. Essa rotina se baseou em práticas corporais e meditativas, em proposições vivenciais performáticas e rituais, em discussões processuais e criativas,



Celebração ao sol nascente

em dietas e disciplinas coletivas referentes ao dia a dia, em execuções artísticas – tanto em múltiplas e independentes mídias como em expressões multimídias –, em exercícios de contemplações poéticas do estar e no simples vivenciar.

Como ordenadora dessa rotina, foi desenvolvida uma “narrativa” pautada pela criação de um tempo ritual. Neste tempo ritual todo o jogo e o vivenciar artísticos foram disciplinados a uma busca coletiva e serviram como ferramenta para permitir e potencializar o alcance de passagens e manifestações físicas, emocionais, psíquicas, criativas, espirituais, humanas e, no diálogo com o entorno, germinaram os frutos expressivos. Assim, durante os 17 dias de imersão nos limites físicos do parque tivemos como bússola a divisão de nosso tempo em ciclos. Foram três ciclos com duração de cinco dias cada: o Ciclo da Vida, o Ciclo da Morte e o Ciclo das Estrelas. Além disso, cada ciclo conteve a realização, entre outros, de um experimento-ritual de pintura corporal, de uma celebração e de uma performance vivencial.



Vista do cânion próximo à Toca da Onça

O 14º dia foi considerado um Portal, onde adentramos, ainda munidos de nosso estado cotidiano, nessa fissura criada no Tempo. Cada ciclo era iniciado e finalizado com a realização de uma mandala energética-estética composta por elementos orgânicos encontrados pelo parque ou com elementos correspondentes aos intentos daquele ciclo – as mandalas consistem justamente em realizações materiais que são objetos estéticos imantados de forças simbólicas. A mandala de abertura do Ciclo das Estrelas, por exemplo, foi feita com uma animação composta por corpos humanos e *light painting*.

No Ciclo da Vida nosso objeto de pesquisa foi a existência do corpo humano, o Homem como forma material de expressão e existência na Terra. Onde, pelos caminhos sensíveis e manifestações, nos encontramos com os homens que outrora habitaram aquele espaço, sejam

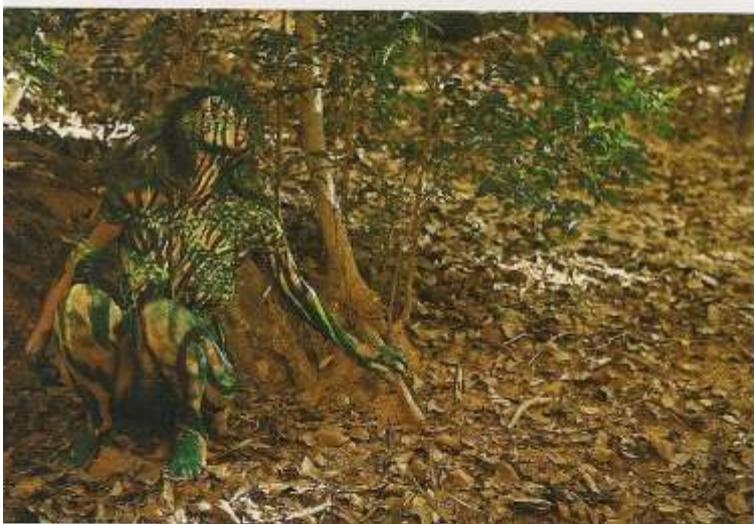
os que lá viveram há 32 mil anos, sejam os antigos maniçobeiros que deixaram aquela região com a constituição do parque. Nosso diálogo com a ancestralidade foi investigar as forças que pulsaram e impulsionaram aqueles homens em suas vidas e os levaram a gravar suas pegadas pelas pedras, reconhecendo as forças equivalentes que agem em nós agora.

Como experimento de pintura corporal para o Ciclo da Vida tivemos o mote ritual dos animais de poder. Nessa prática buscamos, através dos traços pictóricos e das corporalidades, acionar nossas forças instintivas. Cada *performer* teve suas forças e impulsos sutis e primitivos examinados e expostos na confecção de suas máscaras rituais, fomentando suas pesquisas de interação e integração com a fauna e a flora às quais estávamos em contato.

No Ciclo da Morte nosso intento foi examinar o estado quando o corpo deixa de ser como matéria, quando é devolvida a carne à terra, quando se dilui o ser ao infinito. O Homem integrado ao Cosmos. Nosso encontro na efemeridade, no desfrute temporal da vida, na fagulha de tempo vivida dentro da força permanente da Natureza.



Máscara pictórica do rito de pintura corporal – Ciclo da Vida



Máscara pictórica do rito de pintura corporal – Ciclo da Morte



Mandala em *light painting* – Ciclo das Estrelas

Como performance vivencial deste ciclo propusemos a realização de “ritos fúnebres” – que foram experiências simbólicas, estéticas e sinestésicas itinerantes pelos limites do parque, confeccionados a partir das mitologias pessoais dos artistas no que se refere ao contato com a morte e de perspectivas da memória local tendo como referência vestígios arqueológicos de característica mortuária, encontrados naquelas terras. Propusemos um embate e reflexão sobre os modos fúnebres ancestrais e contemporâneos, apontando os reflexos de suas ordenações na vida cotidiana.

No Ciclo das Estrelas tomamos atenção à não matéria, quando o corpo já não é, mas ainda nele reverbera. As ondulações do Invisível. O entre, o encontro de mundos materiais e imateriais, a fenda entre dimensões, as lacunas do estar, os sentires do etéreo. Quando as energias essenciais nossas, dos nossos antepassados e do entorno podem se encontrar, num instante de fissura do espaço, tempo e coisas. Quando nos relacionamos com a ancestralidade e suas expressões presentes ainda no agora. Quando nos lançamos de modo mais vertical a estados de consciência alterados e transe. Quando o nosso corpo é apenas uma ferramenta material para a manifestação do invisível.

Neste ciclo pesquisamos, por exemplo, relações entre corpo e luz, tomando o corpo e seus campos energéticos como suporte e a presença luminosa como uma potência tradutora do imaterial ao material.

Enquanto este todo subjetivo-poético operava, uma equipe de olhar objetivo-documental trabalhava por fora costurando, com a confecção de um documentário, as narrativas subjetivas e objetivas do caso: fragmentos da imersão artística e as realidades de existência do Parque Nacional – sua construção, ordens, demandas, problemáticas, alcances e relações sociais.

Ao fim da imersão, o coletivo se conteve às intervenções inspiradas pela experiência agora em contato com as esferas públicas e urbanas, transpondo para fora a realidade humana-artística vivenciada no parque, contribuindo para a divulgação de sua importância e existência, e traduzindo pontos ressaltados em imersão para as realidades contextuais. Para estas, numa perspectiva estrutural geral, os Urubus optaram por lançar-se a uma estrutura de ação e ocupação de caráter nômade, resgatando numa proposição de jogo artístico a ideia do nomadismo humano, presente tanto nas ordenações sociais dos ancestrais como na população nordestina por meio dos fluxos de retirantes e migratórios, como também na moradia de rua contemporânea e cosmopolita.

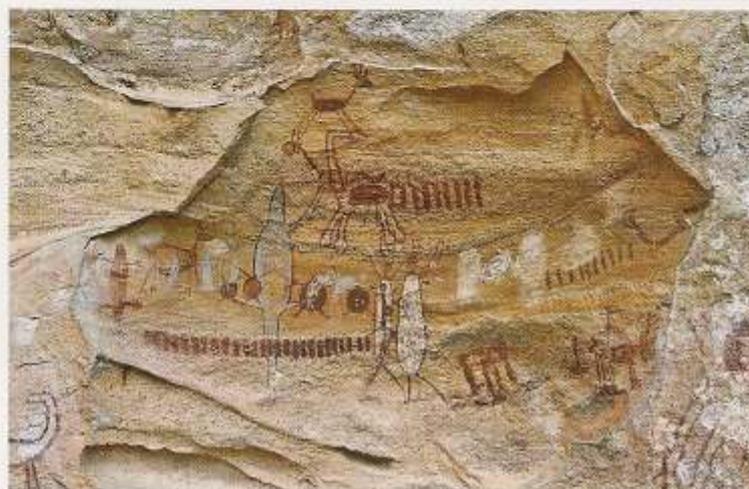


Vivência performática de "rito fúnebre"

Em solo piauiense o coletivo operou sua manifestação em três distintos locais: a vila do Sítio do Mocó, a cidade de São Raimundo Nonato e o vilarejo do Garrincho.

A intervenção do Sítio do Mocó coincidiu com o 17º dia de imersão, que correspondeu ao dia de saída do parque e "re-encontro com a civilização". Para tal, o coletivo acionou a pesquisa performática do **Corpos**, quando após ritual de pintura corporal os artistas explodem o círculo cerimonial munidos de suas "máscaras pictóricas" e partem para a interação com o contexto e seus transeuntes.

Para a cidade de São Raimundo Nonato o coletivo optou por uma intervenção que ainda tocasse a estrutura geral das formas nômades, a transposição para a população de algumas perspectivas práticas e vivenciais percorridas pelos Urubus dentro dos limites da imersão, bem como pela fomentação da discussão sobre os acessos ao patrimônio referido. Assim, foi instalado um acampamento lúdico-artístico na Praça do Abrigo, onde foram realizadas e de onde saíram distintas intervenções que se espalharam pela cidade: práticas de kempô, dinâmicas sinestésicas em interação com o público transeunte, grafites nas fachadas das casas, oficina de dança a partir de coreografia criada dentro da imersão, fogueira cerimonial-festiva, projeção de registros e



Nicho policrômico – Toca do Boqueirão da Pedra Furada

criações fotográficas, trilhas sonoras compostas durante a imersão, exposição de depoimentos recolhidos com a população local sobre suas possibilidades e impossibilidades de acesso ao parque, e discussão com o poder público local acerca de programas que possam beneficiar tal acesso.

Nossa opção de ação para o vilarejo do Garrincho foi fazer uso da estrutura tradicional e popular dos cortejos a fim de afunilarmos o contato e troca



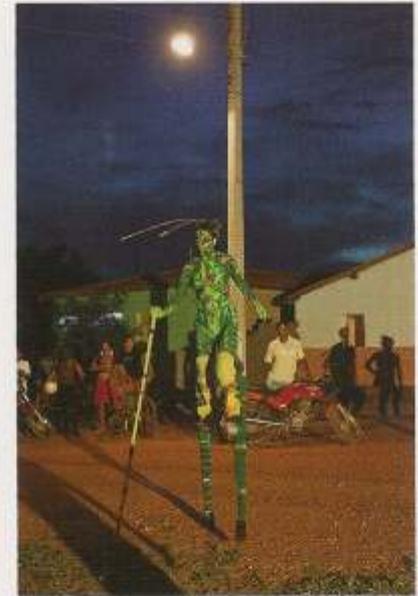
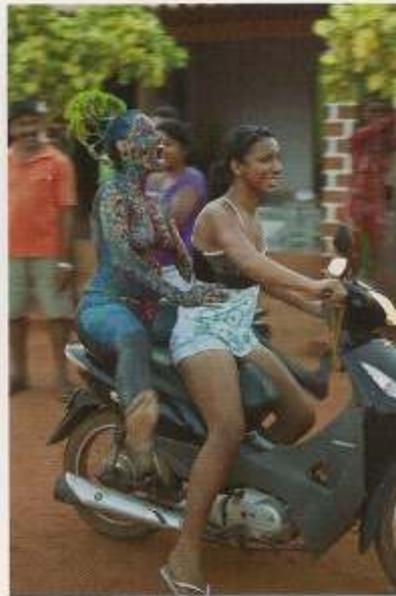
Light painting

humana, recheando-o de diversas expressões: poemas-repente, grafites nas fachadas das casas, proposição de dinâmicas e interações corporais, contação de histórias a partir de lenda criada pelo coletivo durante a imersão, roda de música em volta da fogueira, danças circulares etc.

Para a parte paulistana/babilônica, o coletivo aglutinou algumas estruturas e experimentos vivenciados em terra piauiense propondo ao longo de uma semana diversas intervenções e de distintos caracteres, espalhados pela malha urbana de São Paulo. Grafismos reproduzindo cenas das pinturas rupestres marcados em diversos pontos da cidade, gravando as cavernas contemporâneas de imagens marcadas no inconsciente do homem. Convocação pública para fogueira cerimonial na Praça Roosevelt, rompendo o ritmo cosmopolita e trazendo o homem de volta à beira do fogo e à

qualidade de trocas inerentes a este estar. Performance de grafite e música, bebendo das origens da linguagem gráfica e tendo suas inspirações como cor de aquarela. Instalação com imagens da imersão artística e do Parque Nacional, divulgando e fomentando o contato entre cidadãos e patrimônio histórico. Intervenção com pinturas corporais que mimetizam contextos naturais e urbanos e se mesclam à paisagem cosmopolita, retomando ritos primitivos em uma leitura contemporânea, entre outros.

Do desenvolvimento deste projeto ficam diversos conteúdos objetivos e artísticos que buscaram beber das riquezas arqueológicas e naturais do Parque Nacional Serra da Capivara a fim de desvendá-lo e revelá-lo. Conteúdos, que como pinturas grifadas em antigas paredes de mar, estão lançados ao infinito. Gravuras que nos contêm e que também conterão a nossa ausência,



Performance **Corpos** no Sítio do Mocó – PI

a nossa perenidade, a nossa morte. Fenômenos que sintetizam a beleza e fragilidade da vida, que guardam fragmentos de homens e terras, que são como germes que pretendem polinizar pelos cantos alcançáveis os tesouros que este solo brasileiro traz na bagagem, que trazem cores e odores do sangue e do suor que compuseram e compõem esta nação.

De modo distinto a uma perspectiva científica, a abordagem poética que cabe aos nossos sentidos nos aproxima não apenas das evidências objetivas que as marcas deixadas por aquelas terras trazem nas faces,

mas sim, nos aproxima das faces que marcaram aquelas terras num re-visitar de seus impulsos e sentimentos. Do desenvolvimento deste projeto ficam, portanto, marcas dos movimentos internos que preenchem o homem, fagulhas de faíscas pulverizadas e componentes da eternidade, sementes lançadas ao inconsciente humano e que deverão alcançar fronteiras para além das vistas.

Depoimentos

Fabiola Salles

Entrar em contato com as pinturas rupestres do Parque da Serra da Capivara e contrapor tais imagens às possibilidades criativas do cotidiano hoje revelaram um caráter transdisciplinar de expressão artística que talvez esteja abafado na cultura contemporânea brasileira: vivermos as práticas cotidianas da vida bem como os rituais tradicionais enquanto manifestações poéticas fundantes de uma cultura.

Juliana Bueno

(Jurupinga)

Com efeito, certos lugares, certos acontecimentos, certos objetos, certas circunstâncias muito raros suscitam, quando sobrevêm que se apresentem ou que nos envolvamos com eles, a sensação de que sua função na ordem geral das coisas consiste em nos pôr em contato com o que há em cada qual de mais profundamente íntimo, de mais cotidianamente turvo e mesmo de mais impenetravelmente oculto.¹ Comigo, toda a experiência foi assim, de encontros sagrados com o meu ritual íntimo de estar viva e permanecer atenta, com olhos recém-nascidos.

Thiago Amaral

Quando se fala *entreExtremos* pode-se imaginar uma palheta de cores que há entre dois pontos distantes, como Eu e o Mundo, por exemplo. Minha imensa gratidão por ter vivenciado este projeto está na compreensão de que a possibilidade de cores dessa palheta é muito maior, e que os pontos da extremidade são delineados e localizados pela nossa mente para que possamos ter alguma referência, apenas. O resto é silêncio.

Ivana Calado

Estar fora do cotidiano, na natureza viva, em contato com toda aquela ancestralidade, quebra um automatismo de vida abrindo portais de escuta e expressão com potências incríveis. É entrar numa fluidez de movimento a partir da espiral da própria musculatura, é sentir a espiral que o outro provoca e virar o outro, sua transferência de peso, direção, respiração. É uma comunhão

profunda. Que desperta uma conexão grupal, tribal, de espelhamento que potencializa em muito a performance dos Corpos.

Mavutsinim

Dos trabalhos que realizei, as propostas de pintura corporal, principalmente, foram muito desafiadoras em sentidos variados. Na vivência dos animais, a tentativa de trazer à tona com a pintura, o potencial anímico de cada um. Sempre achei interessante a correspondência entre estes conceitos: Alma, Anima, Animal, Animado, que tem movimento, vida. Depois o tema da dissolução, desmanchar a pessoa no ambiente até ela se parecer com uma ausência. A pintura trabalhando contra as linhas naturais dos corpos, contra o volume visível e entrando em sintonia com o ambiente à volta. Neste trabalho compreendi, em parte, a complexidade infinita que é pintar um corpo, com suas múltiplas dimensões, frente, trás, em cima, em baixo, que se expressa, que se move... Incrível!

Roberto Bieto

(Popeye)

Mergulhar de corpo e alma neste Santuário Natural Artístico aprofunda, aguça, dilata a percepção e a recepção da arte e da importância do seu fazer.

O contato com as pinturas rupestres iluminam meus verdadeiros elos e explicam este impulso quase instintivo de rabiscar paredes (grafitar??). Assim consigo entender um pedaço a mais de mim...

Maracajá

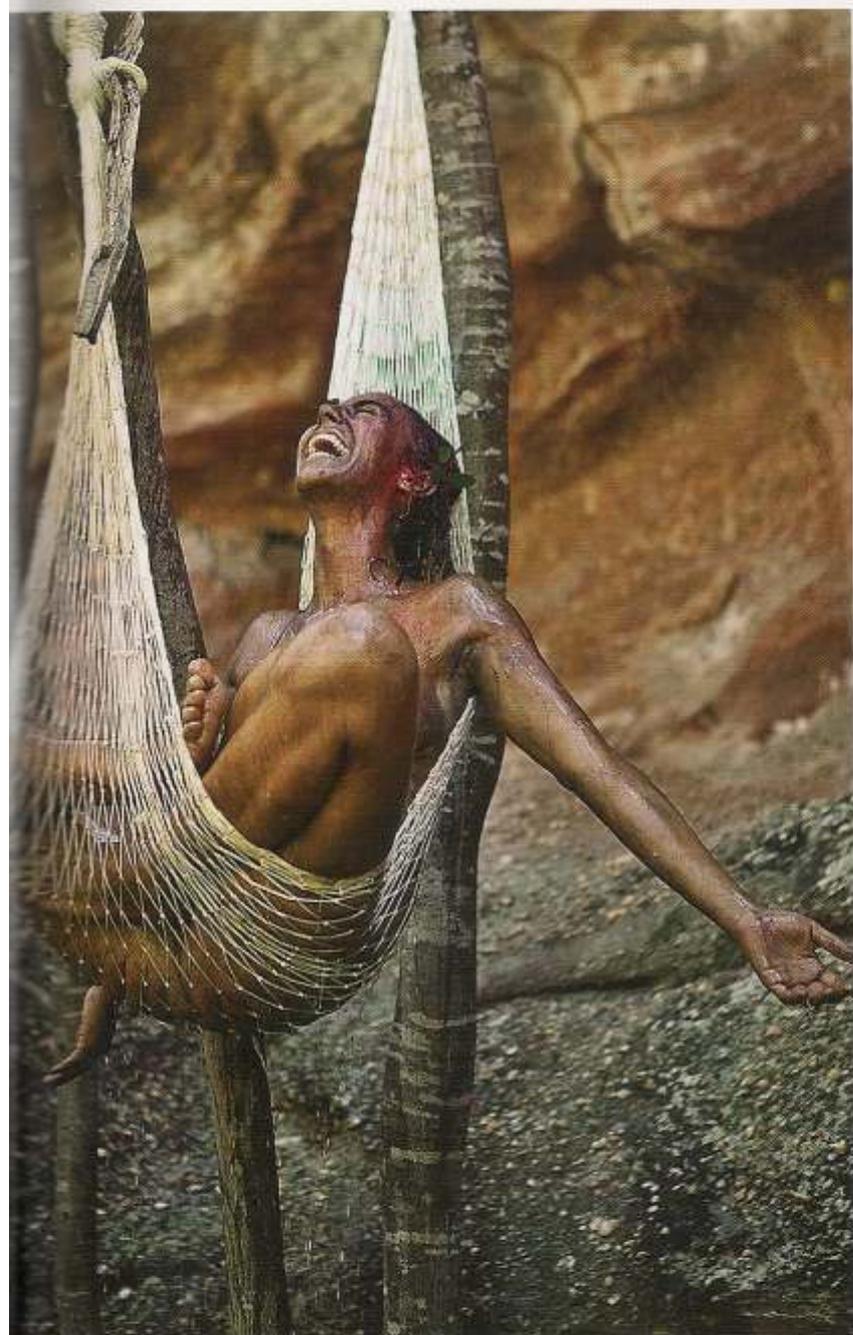
(Euclides – D Cabeça Branca)

Serra da Capivara, semiárido piauiense, homens-mulheres contemporâneos em busca de um diálogo artístico com um homem-primitivo brasileiro. Um começo pra algo que já começou há muito tempo... Diálogo possível a partir da experiência com o corpo, sentindo o lugar pelos poros, através do olho, pisando a terra deste homem ancestral brasileiro, percorrendo suas "tocas", dialogando com uma fauna em vias de extinção em outras paragens do Nordeste. Este lugar, que chamo de sagrado, fez reacender meu orgulho de ser nordestino, artista e brasileiro. Mostro minha cara, mostro minha dança, não escondo mais quem sou.

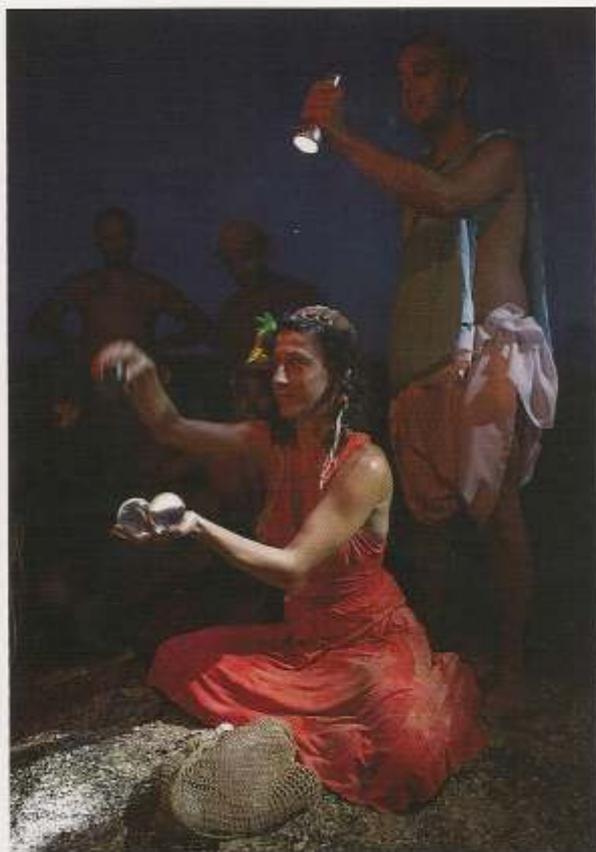
Rosany de Paula

Quanta beleza tem aquele lugar. Ter vivenciado o encanto de tantas realidades do homem pré-histórico, as suas pinturas rupestres, ter passado por estes três ciclos dentro do que já foi o antigo fundo do mar faz nascer os mais belos movimentos da arte que a natureza flui a cada amanhecer.

1. LEIRIS, Michel. *O espelho da tauramaquia*.



Vivência performática de "rito fúnebre"



Ação performática no Ciclo das Estrelas



Performance **Corpos** no Sítio do Mocó - PI



Fogueira na Casa dos Oitenta



Performance **Corpos** realizada em São Paulo após imersão



Pintura corporal – Ciclo da Morte



Máscara pictórica do rito de pintura corporal – Ciclo da Morte



Grafite no Sítio do Mocó

João Paulo Azevedo

Possibilidade de registrar os primeiros “documentários rupestres” realizados pelo Homem Americano. Homens visionários em uma terra que remete a locações naturais e épicas. Terra de gente astuta e destemida.

Tom Ribeiro

Seguimos no Parque Nacional Serra da Capivara como homens e mulheres pré-históricos, re-lendo as pinturas rupestres desenhadas nas paredes das cavernas. E tudo isso serve para? Re-fazer o elo com nossos ancestrais de terra, bem antes da colonização além-mar e entender que o Brasil é um país muito mais antigo que os 500 anos que aprendemos na escola, que raiz de nossa história é uma só: a história do ser humano. Dizem que a memória do brasileiro é curta, mas estas pedras, com suas pinturas rupestres, guardam segredos antigos de uma cultura e uma memória ancestral inesquecíveis.

Luciana Araújo

“Vocês trazem luz a essa terra seca...”

Piauí, terra quente que enterra medos e aflora reflexos. Na busca de refinar meu estudo audiovisual e corporal, compreendi que a delicadeza do plano está na verdadeira delicadeza do momento. Que a continuidade do

argumento se dá pela coragem existente em cada ação. É aí que a magia se encontra com a existência. A vivência numa terra tão abençoada acelerou o processo de amadurecimento da minha compreensão, do meu olhar, meu sentir e meu pensar.

Ricardo Calado

Na terra seca e vermelha, a experiência extrema de viver a força ancestral que rasga as pedras da Serra da Capivara. A voz dos pássaros, a voz do vento, a voz do compadre Chico – o que entende a língua dos macacos. O silêncio dos cânions, das estrelas, das árvores. Entre extremos – corpos que se pintam, olhos que se acendem, pele alerta – o privilégio de pisar num Brasil que só São Raimundo Nonato conhece.

Marcos Camargo

Um fotógrafo no mar verde... entre (meus) anjos e demônios, descobri os retratos dos meus antepassados, um álbum de família a céu aberto, céu de rocha. Pude ver como eram, o que faziam... me reconheci nos genes do meu tio pré-histórico, retratista, pré-fotógrafo.

Seu Chico dos Macacos

Quando comecei a trabalhar com vocês eu pensava uma coisa, mas cheguei aqui e percebi que era outra coisa, além do que estava imaginando. Foi mais uma lição que eu aprendi, fui tratado como irmão, tratei também. O que eu pude fazer eu fiz com vocês. Não deu pra mostrar tudo, mas uma parte que eu sei vocês vão levando ela, e fico com uma parte que vocês deixaram também. E peço também que mãe Yemanjá acompanhe vocês e proteja a todos.

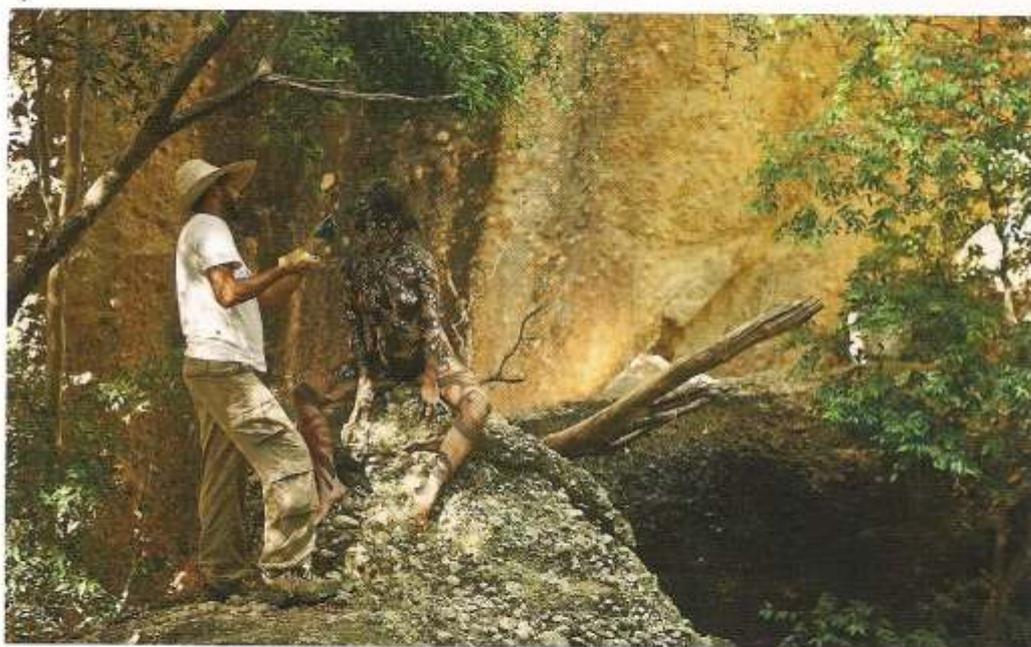
Ana Lúcia Guimarães

(Potira)

Articular as múltiplas camadas do projeto entre Extremos (institucionais, técnicas, burocráticas, interpessoais, etc.) com a proposta artística dos Urubus me levou



Baixão das Andorinhas



Máscara pictórica do rito de pintura corporal – Ciclo da Morte

a uma cooptação por esta "tribo". Assim integrada, percebi minha participação como um fio terra dos novos (os nossos?) rituais e conexões ancestrais – encontro possível através dos caminhos da arte, da entrega, da reverência e do amor.

Quilha Reis

(escritora e professora de filosofia)

A convivência com o grupo de artistas engajados no projeto de imersão no Parque Nacional da Serra da Capivara me proporcionou uma experiência nova ao combinar aspectos nem sempre associados entre a natureza e a cultura. Ao lado de visões de extrema beleza natural e de desafios concretos de sobrevivência, justapuseram-se ações estéticas inspiradas, evocativas do sublime e do belo. Nessa combinação de belezas naturais e produzidas, e de sensações vitais e percepções poéticas, os Urubus traçaram uma elipse imaginária nos céus incandescentes do Piauí que restará para sempre na minha memória.



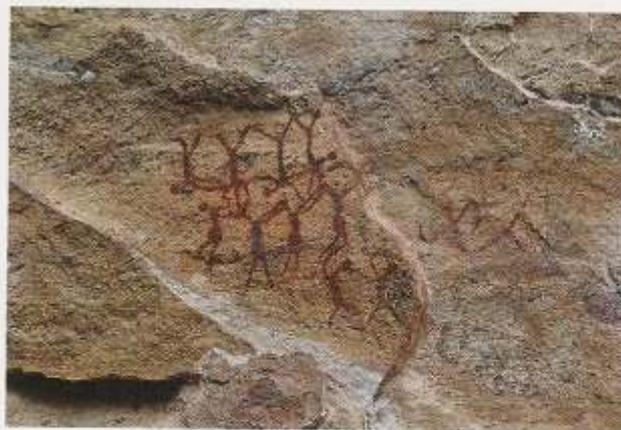
Pintura rupestre do beijo – Toca do Boqueirão da Pedra Furada



Light painting da cena do beijo – Toca da Gameleira



Garis do programa Cidade Limpa pintando ao redor de *transfer* de pintura rupestre, Praça Roosevelt – SP



Pintura rupestre



Projeção de imagens da imersão e do Parque, Largo Sta Cecília – SP



Light painting



Coletivo Urubus e light painting na Pedra Furada:

São Raimundo Nonato

9 a 25 de janeiro

imersão artística no Parque Nacional Serra da Capivara

22 de fevereiro

17:00h – contação de histórias na Praça da Matriz, São Raimundo Nonato

26 de janeiro

17:30h – ação performática com pintura corporal no Sítio do Mocó

28 de janeiro

18:00h – montagem de acampamento interativo na Praça do Abrigo,

São Raimundo Nonato

29 de janeiro

10:00h – prática interativa com transeuntes no centro de São Raimundo Nonato

30 de janeiro

20:00h – projeção de entrevistas sobre o acesso da população ao Parque Nacional

Serra da Capivara e imagens da imersão do grupo no parque – debate com o

prefeito Pe. José Herculano de Negreiros, Praça do Abrigo, São Raimundo Nonato

31 de janeiro

17:30h – ação performática com pintura corporal no Bairro do Garrincho

São Paulo

22 a 26 de fevereiro

grafites com máscaras de pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara em diversos pontos da cidade

23 de fevereiro

16:30h – prática interativa com transeuntes da Av. Paulista (início Paraíso / término Consolação)

20:30h – fogueira ritual com música e projeção de imagens da imersão do grupo no Parque Nacional Serra da Capivara – Praça Roosevelt

24 de fevereiro

18:00h – intervenção performática com grafite e música (esquina das ruas Apinagés com Caolwás, bairro de Perdizes)

25 de fevereiro

20:30h – música e projeção de imagens do Parque Nacional Serra da Capivara e da imersão do coletivo – Largo Sta Cecília

26 de fevereiro

15:30h – ação performática com pintura corporal – Parque da Água Branca e saída do Minhocão